

**14/6/1986**

**No enterro, uma certeza: Leme jamais vai esquecer a tragédia.**

Durante o velório, a população ainda suportou o sofrimento praticamente em silêncio. Mas quando os caixões com os corpos de Cibele Aparecida e Orlando Correia, as duas vítimas fatais dos conflitos de sexta-feira em Leme, estavam sendo sepultados, aquela atitude de quase submissão à tragédia explodiu em palavras de ordem e gritos de protesto. Em coro, depois de percorrerem a pé o trajeto de seis quilômetros acompanhando o cortejo, as pessoas demonstravam a sua revolta.

Os caixões de Cibele e Orlando foram sepultados um ao lado do outro, na quadra "G" da rua 14 do Cemitério São João Batista, em Leme, às 14 horas de sábado. Antes do enterro, 20 padres concelebraram uma missa de corpo presente na matriz, diante de aproximadamente cinco mil pessoas. Desde a noite de sexta-feira os corpos vinham sendo velados nas residências das famílias, de onde partiram, no horário programado, para a matriz, acompanhados por pessoas a pé, de bicicleta ou espremidas em caminhões, sob forte calor.

A maioria eram bóias-frias, mas havia também grupos de políticos e sindicalistas, que aproveitavam para comandar coros de protestos contra o governo e a polícia. "Matar trabalhador é democracia e seriedade?", perguntava uma faixa no meio da multidão, numa alusão ao slogan "Democracia e Seriedade", do governo Montoro.

Quando algumas pessoas começaram a cantar o Hino Nacional, a revolta não pôde mais ser contida. Logo em seguida, os caixões foram abertos pela última vez e o tumulto aumentou, com as pessoas subindo em árvores e outras até escalando os próprios túmulos do cemitério, inclusive danificando vasos de flores e imagens de santos.

Apesar da exploração política, ficou evidente que Leme vai demorar para esquecer a tragédia. Já no sábado podia-se perceber que o dia-a-dia da cidade foi bastante abalado pela morte de seus dois moradores. O clima de tensão da sexta-feira deu lugar a uma cena desconfiança, visível, por exemplo, nos bares Zequinha's e Pingão, tradicionais pontos de encontro da cidade e que no sábado estavam praticamente vazios. A concorrida feira livre da rua Carlos Koch também teve pouco movimento — as pessoas não escondiam o medo de sair de casa.

Na verdade, isso tem uma explicação. Anunciou-se que a polícia voltaria à praça central da cidade e temia-se novo confronto. O pipoqueiro Eupídio Trevisan, por exemplo, um antigo morador da cidade, nem saiu para trabalhar, "com medo de acabar sendo preso, inocente, pela polícia".

**Intransigência**

Durante o enterro de Cibele e Orlando, a preocupação das lideranças sindicais da região era com a continuidade do movimento e com a preparação da assembléia que seria realizada ontem. Para a maioria dos sindicalistas, a tragédia deveria servir para fortalecer o movimento, mesmo que fosse para aceitar um acordo mínimo. "A intransigência dos patrões é muito grande", comentava o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araras e região (que inclui Leme), Norival Guadaglin, um dos que, mesmo no meio do tumulto e do clima de tensão, tentou acalmar seus companheiros para evitar uma tragédia maior.